

A TEORIA DE COSMOVISÃO DE WILHELM DILTHEY E O MITO DA NEUTRALIDADE CIENTÍFICA NA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Jônatas Soares Pereira (IC) e Jonas Moreira Madureira (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

Este trabalho tem o propósito de fornecer uma possibilidade de pensamento que seja oposta a uma ideia positivista para a filosofia da educação, contribuindo assim para uma maior diversidade de pensamentos e desenvolvimento de teorias acadêmicas. Wilhelm Dilthey se preocupou em garantir às ciências do espírito a rigidez e segurança que as ciências da natureza tinham em sua época. Ele faz isso descrevendo uma estrutura própria das ciências do espírito com uma metodologia específica. Ao desenvolver sua filosofia, uma terminologia muito importante que aparece ao longo de sua atividade acadêmica é o conceito de cosmovisão. Terminologia essa que ajuda a explicar uma característica peculiar da estrutura humana, mostrando assim como essa pessoa interage e responde ao mundo que lhe é apresentado. A pedagogia, então, é parte do que se chama de ciências do espírito, e conseqüentemente, acaba por adentrar dentro da filosofia de Dilthey. Ele a considera como uma ciência de rigor, porém, com um objeto específico e um método de estudo específico. Tendo em vista que os princípios filosóficos que ele usa se estendem a sua definição pedagógica, é possível afirmar que toda teoria filosófica da educação não é neutra e depende do seu desenvolvimento histórico. O autor ainda estabelece a história como fruto de um trabalho coletivo de indivíduos com suas cosmovisões, dando o suporte para sua filosofia.

Palavras-chave: Educação, Cosmovisão, Neutralidade;

ABSTRACT

This piece intends to provide a possibility of thinking that is opposed to a positivist idea for the philosophy of education, contributing to a greater diversity of thoughts and developments of academic theories. Wilhelm Dilthey worried about guaranteeing the sciences of the spirit the rigidity and security that the sciences of nature had in their day. He does this by describing a specific structure of the sciences of the spirit with a specific methodology. When developing his philosophy, a very important terminology that appears throughout his academic activity is the concept of worldview. Terminology that helps explain a peculiar feature of human structure showing how that person interacts and responds to the world presented to him. Pedagogy is then part of what is called the sciences of spirit and consequently ends up entering Dilthey's philosophy. He considers it as a Science of rigor, but with a specific object and a specific study method. Considering that the philosophical

principles he uses extend their educational setting, it can be said that all philosophical theory of education is not neutral and depends on its historical development. The author also establishes history as the result of the collective work of individuals with their worldviews, supporting their philosophy.

Keywords: Education, Worldview, Neutrality;

1. INTRODUÇÃO

Dentro do campo acadêmico nota-se uma grande variedade de pensamentos e desenvolvimentos teóricos. Essa variedade de pensamentos está presente em todas as áreas do conhecimento. As linhas de pensamento podem divergir ou até mesmo concordar em algum ponto específico, porém, ainda assim, partem de princípios e desenvolvimentos históricos diferentes uns dos outros. Dentro da área da filosofia da educação, a ideia de várias linhas teóricas acabam por desenvolver práticas distintas. Práticas essas que, casualmente, são discutidas dentro do campo universitário como mais eficientes ou menos eficientes. Esse tipo de discussão mostra uma evidência que cada professor e cada aluno têm pontos diferentes, desenvolvimento de pensamentos teóricos diferentes e soluções para a educação diferentes. Cada pessoa acredita e caminha em soluções lógicas e complexas de acordo com os princípios de sua experiência. Se é assim, então, é impossível que haja uma posição de neutralidade científica na filosofia da educação?

Estudantes e profissionais da filosofia da educação, sejam eles da educação ou da filosofia, têm respostas para essa pergunta. O interessante é que, tanto no contexto dos que concordam como no dos que não concordam com a possibilidade de uma posição neutra em filosofia da educação, existem linhas de pensamentos diferentes, o que torna essa discussão extremamente complexa. Ou seja, há inúmeras discordâncias entre aqueles que concordam e entre aqueles que discordam do princípio de neutralidade científica. Wilhelm Dilthey se deu conta desta complexidade e se espantou com o fato de ser possível existir linhas de pensamentos que podem até ser próximas, porém, diferentes em seu desenvolvimento histórico. Este problema da diversidade de concordâncias e discordâncias sobre um determinado ponto é o mesmo das diferentes visões e perspectivas sobre a educação. Dilthey chama essa problemática das diferentes visões e perspectivas de “conflito de cosmovisões ou visões de mundo”.

Na introdução ao livro *Os tipos de concepção de mundo*, Artur Morão descreve o quanto Dilthey, ao olhar para a vida, nota a grandeza e multiplicidade de visões de mundo.

A análise de Dilthey finca-se nos pressupostos da sua filosofia da vida. Vejamos uns quantos. O fundo de que parte todo o pensar e agir humano é a vida: inconcebível, inexplicável, impérvia ao conceito ou pelo conceito, ela é essencialmente pluralidade de aspectos, transição para opostos reais, luta de forças; é um processo de diversificação e de diferenciação que se desdobra em experiências inéditas. É próprio da vida manifestar-se e objectivar-se em símbolos, suscitar mundos, pois todo o dentro busca expressão num fora. Eis porque ela surge como a raiz última da mundividência (Weltanschauung). (DILTHEY, 1992, p. 1)

A compreensão dos estudantes de pedagogia, filosofia, professores de escolas e colégios regulares, sobre as questões relacionadas à cosmovisão podem ajudar a desenvolver melhor cada linha teórica que historicamente vem se consolidando. Frente ao

posicionamento das diferentes práticas pedagógicas e na multiplicidade de posicionamentos teóricos da filosofia da educação é possível uma fonte sólida de desenvolvimento.

Para esse fim, é usado como base o autor Wilhelm Dilthey, que contribui com sua fundamentação das ciências do espírito, hoje conhecidas como ciências humanas. Dentro de toda a sua argumentação ele desenvolve sua filosofia e a teoria de cosmovisão, ajudando a solidificar essas ciências que em sua época pareciam estar trilhando caminhos contrários a sua natureza. Além disso é possível explorar sua definição de educação e a relação com a teoria da cosmovisão, mostrando assim a plausibilidade de argumentar a favor de uma dissociação com as ciências da natureza. Por fim, legitimar o mito da neutralidade científica sobre a filosofia da educação, que contribui para uma diversidade de pensamentos e construções históricas sobre as teorias educacionais.

2. A TEORIA DAS COSMOVISÕES, A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E O MITO DA NEUTRALIDADE CIENTÍFICA

2.1. WILHELM DILTHEY: SEU CONTEXTO E A TEORIA DA COSMOVISÃO

O pensador Wilhelm Dilthey nasceu na Alemanha em 1833 e morreu em 1911 em Schlem, Itália. Formou-se em Teologia na Universidade Heidelberg e Filosofia na Universidade de Berlim, e prosseguiu sua formação acadêmica em Filosofia. Sua principal área de atuação foi no campo das ciências humanas ou ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*). Com a publicação das obras *A Vida de Schleiermacher* (1870) e *Introdução às ciências do Espírito* (1883), Dilthey ganhou notoriedade acadêmica e passou a influenciar uma legião de pensadores, dentre eles, pensadores de enorme reputação como Edmund Husserl, Martin Heidegger, Karl Jaspers, Hans-Georg Gadamer, para mencionar apenas alguns.

Segundo David K. Naugle, foi Dilthey quem teorizou o conceito de “cosmovisão” (*Weltanschauung*), a temática que tanto era discutida entre filósofos da época (NAUGLE, 2017, p. 111). A referida teoria contribuiu para, em certo sentido, recuperar a reputação científica das ciências humanas, que eram acusadas de faltarem com o rigor acadêmico. Ao engajar-se no projeto de uma “crítica da razão histórica”, Dilthey acabou provendo uma poderosa fundamentação epistêmica para as ciências do espírito. Na introdução do seu livro *Dilthey: um conceito de vida e uma pedagogia*, Maria Amaral argumentou que, por causa das contribuições dadas à discussão das ciências conhecidas hoje como “ciências humanas”, Dilthey alcançou a reputação de “arguto historiador do espírito” (p. XXI). Isso se confirma ainda mais com as obras *A construção do mundo histórico nas ciências do espírito* (1910) e *Os tipos de concepção do mundo e sua formação nos sistemas metafísicos* (1911), publicadas antes de sua morte. Apesar das impressionantes contribuições que fez e da

enorme influência que exerceu sobre pensadores importantes do século 20, o projeto do filósofo parece ter tido “uma repercussão comparativamente diminuta” (p. XX). Em contrapartida, ao descrever a importância de Dilthey para a temática da cosmovisão, Naugle cita José Ortega y Gasset e Michael Ermarth, evidenciando assim a relevância do tema. Nas palavras de Naugle:

Wilhelm Dilthey (1833-1911), que José Ortega y Gasset chamou de “o filósofo mais importante da segunda metade do século XIX”, é mais bem conhecido por suas teorias de ciências humanas (*Geisteswissenschaften*), suas contribuições a certos problemas metodológicos no estudo da história e por seus avanços criativos na disciplina da hermenêutica. Não deve ser esquecido, porém, seu tratamento pioneiro, sistemático, das cosmovisões. Como muitos outros, Michael Ermarth reconheceu a contribuição única das reflexões de Dilthey sobre a cosmovisão e a importância do conceito na sua filosofia. (p.122)

A fim de oferecer uma defesa do estatuto de cientificidade das ciências do espírito, que estavam *sub judice* por conta da crítica transcendental de Kant, Dilthey estabeleceu uma teoria que garantia a cientificidade das ciências humanas (cf. NAUGLE, 2017, p.122). O método científico aplicado pelas ciências da natureza (*Naturwissenschaften*) seria uma ferramenta de extremo rigor para que se chegasse ao conhecimento indubitável, porém, no campo das ciências do espírito, a aplicação desse tipo de método é inviável. Por uma razão aparentemente simples: o objeto das ciências do espírito não podem ser objetos das ciências da natureza. Isso equivale a dizer que as ciências da natureza, por sua vez, não poderiam resolver os grandes conflitos das ciências do espírito. Assim o rigor de uma ciência não pode ser aplicado à outra. Como não era possível chegar a uma conclusão ou um resultado comum, as ciências do espírito não deveriam ter o mesmo método que as ciências da natureza.

O conceito de ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*) é considerado em sua *Introdução às Ciências Humanas*, de 1883. Nas palavras de Naugle, “Em lugar dos sistemas metafísicos tradicionais que reivindicavam validade universal, Dilthey estabeleceu sua metafísica de cosmovisão” (NAUGLE, 2017, p.123). Essa metafísica consiste em filosofar sobre o próprio ato de filosofar. Parte fundamental dessa tarefa está na observação das “experiências vividas” (*Erlebnisse*), que ele entendia como a vida real. A partir dessas experiências, surgem incontáveis explicações. Naugle faz uma citação de Dilthey em *Zur Philosophie der Philosophie* [Sobre a filosofia da filosofia] que apresenta o problema das vivências ou experiências vividas. Assim Dilthey diz:

O enigma da existência encara todas as eras da humanidade com o mesmo semblante misterioso; nós avistamos suas características, mas temos de adivinhar a alma por detrás dela. Esse enigma sempre está ligado organicamente ao do mundo em si e com a pergunta do que devo, afinal, fazer neste mundo, por que estou nele e como minha vida se findará nele.

De onde eu vim? Por que existo? O que será de mim? Esta é a pergunta mais geral de todas e a que mais me preocupa. A resposta a ela é buscada em comum tanto pelo gênio poético, pelo profeta como pelo pensador. (Apud. NAUGLE, 2017, p. 123).

Dilthey também argumenta que o pensamento positivista, derivado de vários autores, especialmente Kant e Comte, prejudicaram a edificação do estatuto de cientificidade das ciências do espírito (DILTHEY, 2010, p. 39). Seu intuito não é somente discordar ou desenvolver uma crítica, mas mostrar que Kant fez, de fato, um árduo trabalho, porém, as questões dos “fatos da consciência” não poderiam ser aplicadas à filosofia. Por isso, seu interesse é principalmente, fundamentar as ciências do espírito. Dilthey diz:

Nas veias do sujeito cognoscente, do modo como foi construído por Locke, Hume e Kant, não circula sangue de verdade, mas apenas a seiva rarefeita da razão como mera atividade intelectual. Estudando, porém, a história e a psicologia do ser humano integral, cheguei à conclusão de que deveria tomar por base da explicação do conhecimento e de seus conceitos (como por exemplo do mundo externo, do tempo, da substância, da causa) esse ser que quer, sente e pensa, com toda a diversidade de suas forças, apesar de parecer que o conhecimento tece seus conceitos apenas da matéria das percepções, representações e pensamentos. (DILTHEY, 2010, p. 36)

Ele ainda critica muito o movimento positivista e suas influências, justamente por não aceitar as matérias que partem da filosofia, e por isso acabam sendo subordinadas ao método das ciências da natureza. Ele chega a dizer que esse tipo de movimento “mutilou a realidade histórica” (DILTHEY, 2010, p. 35). Essa realidade histórica, por seu turno, é fundamental para ele, pois revela a construção da humanidade como um todo. A História, em sua percepção, é um produto social cheio de peculiaridades, capaz demonstrar todo o desenvolvimento do homem. Desenvolvimento esse, que não é óbvio, e claramente, não segue um espírito absoluto.

Encontra-se aqui, então, questões que há séculos são levantadas pelos filósofos, questões de extrema importância e relevância para a construção do pensamento de Dilthey. Quando se observa a vida e suas peculiaridades, muitos pontos e contrapontos se levantam. Um deles é se o pensamento teórico é o ponto central do ser. A teoria em questão é a medida de todo o conhecimento, não havendo assim, ideias divergentes. Diante disso, toda experiência humana é reduzida a teoria “x” ou “y”, ignorando toda a complexidade da vida. Mas sabemos que toda experiência e conclusão teórica, observando o mesmo objeto, tem interpretações e conclusões opostas ao mesmo tempo. Como disse Dilthey:

Atrás de nós, ilimitada e caótica, encontra-se a multiplicidade dos sistemas filosóficos e estende-se à nossa volta. Em todas as épocas, desde que existem, excluíram-se e entre si se combateram e não se divisa esperança alguma de entre eles se poder chegar a uma decisão. (DILTHEY, 1992, p. 5)

2.1.1. DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE COSMOVISÃO

Observando a multiplicidade dos sistemas filosóficos, Dilthey questiona o porquê de existir uma variedade tão grande de filosofias. Porque no contexto das ciências da natureza existe um comum acordo no método e seus resultados e no campo das ciências humanas isso não acontece? Com base nessas questões, ele estrutura sua teoria de cosmovisão. Mas o que é cosmovisão e como Dilthey a entendia?

O termo “cosmovisão” não foi usado primeiramente por Dilthey, por isso deve haver uma certa cautela, pois muitos autores usam esse termo e o entendem de forma parecida e até mesmo diferente da que ele usou. James W. Sire, de forma bastante precisa, resume a definição de Dilthey em seu livro *Dando nome ao elefante*:

[...] Dilthey concebe cosmovisão como um conjunto de categorias mentais resultantes da profunda experiência de vida que determinam essencialmente como uma pessoa entende, sente e responde ao que percebe no mundo à sua volta e aos enigmas que ele apresenta. (SIRE, 2012, p. 41)

Depois de apresentar como os primeiros grandes pensadores enxergavam o conceito de “cosmovisão”, Sire apresenta a abordagem diltheyana do conceito, ao explicitar de forma pontual o esqueleto do pensamento de Dilthey, bem como seus tópicos mais importantes, como a percepção da mente humana, a multiplicidade de cosmovisões e a história humana como ponto de partida para classificar os tipos de cosmovisão.

Dilthey explica detalhadamente esses tópicos para que se tenha uma compreensão adequada do conceito. Em seu ensaio sobre a teoria das cosmovisões, Dilthey explora a noção de “enigma da vida” a fim de explorar questões últimas, que só podem ser compreendidas nas próprias vivências. Dilthey afirma, “[...] sobre a base das experiências da vida em que são operantes as inumeráveis referências vitais dos indivíduos ao mundo têm lugar, em tais mundividências [sinônimo de “cosmovisão”], as tentativas de solução do enigma da vida.” (1992, p.14). Para ele é fundamental perceber, observando a simplicidade do cotidiano das pessoas, a busca que elas têm sobre o sentido da vida.

O que ele entende, então, quando observa as diversas conclusões sobre o enigma da vida é que a mente humana tem certas percepções do mundo, e essas variam, pois tudo que a cerca influencia para esse resultado final. Sobre a relação da apreensão da realidade e do mundo que é apresentado, Dilthey diz:

Toda a impressão forte revela ao homem a vida a partir de um lado peculiar; o mundo surge então a uma nova luz: com a repetição e a ligação de tais experiências, surgem as nossas disposições anímicas em face da vida. A partir de uma referência vital, toda a vida recebe uma coloração e uma

interpretação nas almas afectivas ou meditativas – brotam as universais disposições de ânimo. (DILTHEY, 1992, p.13)

O modo como se percebe e interage com este mundo dado, forma as diferentes respostas para o problema do enigma da vida. Assim, a compreensão de mundo que cada pessoa tem estará ligada ao mundo ao seu redor e às percepções individuais.

Nessa relação do ser humano com o mundo ao seu redor, Dilthey nota a existência de uma estrutura que é particular. Em suas palavras: “Todas as mundividências, ao empreenderem proporcionar uma solução completa do enigma da vida, contém, regra geral, a mesma estrutura.” (1992, p.15). Essa estrutura ajuda na formação teórica da sua filosofia, que por sua vez, mostra como o mundo já posto por um processo histórico tem relação com as percepções de cada pessoa neste mundo. Ao discorrer sobre a multiplicidade de cosmovisões, Dilthey reafirma a importância da história na construção da cosmovisão:

As mundividências desenvolvem-se em condições diversas. O clima, as raças, as nações determinadas pela história e pela formação estatal, as delimitações de épocas e períodos temporalmente condicionadas, em que as nações entre si cooperam, congregam-se para gerar as condições que actuam na origem da multiplicidade das concepções do mundo. A vida que brota em condições tão especializadas é muito diversificada, e assim o é também o próprio homem, que apreende a vida. (DILTHEY, 1992, p.17)

Na introdução ao ensaio *Os tipos de concepção de mundo*, de Dilthey, Artur Morão afirma que “toda a mundividência é produto da história” (1992, p.2). No decorrer de todas as suas obras Dilthey ressaltava a importância da história, pois tudo que é produto do homem é feito em um mundo histórico, portanto, tudo é histórico, o homem é, em certo sentido, um produto histórico. Essa concepção mostra que esse homem está partindo sempre de um ponto de vista dentro da história, pois faz parte desse todo histórico que o precede. Assim afirma o autor:

[...]O ser humano só descobre o que ele é e o que quer no decorrer do desenvolvimento de seu ser através dos milênios, e nunca de modo definitivo, nunca por conceitos universalmente válidos, mas sempre apenas por meio de experiências vivas que provêm das profundezas de todo o seu ser. Toda e qualquer fórmula de conteúdo sobre o fim último da vida humana revelou-se historicamente condicionada. [...] (Apud. AMARAL, 1987, p. 465)¹

“Cosmovisão”, em sentido diltheyano, é, portanto, precisamente o que Sire disse. Esse conceito é fundamental para a percepção de como as teorias filosóficas são formadas e construídas. Em suma, cosmovisão é o percurso histórico em que certa ideia filosófica é

¹ Quando Dilthey afirma que o ser humano nunca poderá descobrir o que é de forma definitiva, ele se refere a moral que de fato não tem um princípio universal justamente por existir muitos modos de agir. Mas quando se refere ao ser humano sobre sua relação de percepção de mundo juntamente com a interação dentro da história ele estabelece, como já vimos, uma estrutura interna e externa que se complementam e não se separam tendo um caráter de validade universal.

pautada. Todo ser humano está mergulhado em um mundo histórico, determinado por inúmeras circunstâncias que determinam seu pensar.

2.1.2. DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE EDUCAÇÃO

O termo “educação” parece ser demasiado subjetivo, uma vez que são incontáveis as tentativas de defini-lo ao longo da história da educação. A diversidade e complexidade dos princípios filosóficos norteadores para definir o que é educação, acabam por cair dentro do que Dilthey entendia sobre a “multiplicidade de sistemas filosóficos” (1992, p. 5). Faz-se necessária, então, uma explicitação do encadeamento das ideias de Dilthey para que se possa chegar a uma definição diltheynana de educação.

Em suas obras, Dilthey quase sempre citou a pedagogia como fonte da formação do homem. Em suas palavras: “A flor e o objetivo de toda filosofia verdadeira é a pedagogia, em sentido mais amplo, teoria da formação do homem” (Apud. AMARAL, 1987, p. 127). A pedagogia é, por excelência, em sua visão, o caráter prático de toda verdadeira filosofia.

A filosofia diltheyana é a busca de uma certeza teórica, enquanto a pedagogia é a aplicação de toda essa teoria. Todo agir humano é a base para a formação das filosofias que encontramos. Afirma Dilthey: “A última palavra do filósofo (...) é a pedagogia, pois toda a especulação é feita devido ao agir” (Apud. AMARAL, 1987, p. 127).

Quando pensa sobre pedagogia, Dilthey considera que é necessário estabelecer uma ciência da pedagogia do mesmo modo que ele fez com a filosofia em *A essência da filosofia*, por exemplo. A pedagogia tem sua raiz nos princípios filosóficos que Dilthey discute quando pensa em cosmovisão e as ciências humanas. Sua proposta é que ela seja considerada como uma ciência de rigor com um objeto específico de análise.

Identifica-se, assim, uma enorme preocupação em dar uma validade que seja reconhecida pelo rigor teórico. Esse rigor, diferentemente das ciências da natureza, tem uma metodologia e objeto de investigação próprios. O agir humano e o enigma da vida devem ser observados com suas peculiaridades. Por isso, o filósofo tem tanto em comum com o pedagogo e, conseqüentemente, com as outras ciências do espírito. Sobre isso, Dilthey afirma:

Assim se nos apresentou a possibilidade de uma ciência pedagógica universal; na perfeição dos processos e suas ligações que estão unidas na teleologia² da vida psíquica, ela tem uma base universal segura; na

² Teleologia é um termo usado na filosofia para o estudo de fins, objetivos últimos de certa questão. Dilthey utiliza esse termo com um sentido de ligar as funções psíquicas do homem com a sua unidade. Mostrando assim que a vida psíquica tem um fim último e valores vitais pois ao mesmo tempo que percebe a realidade a sua volta ele reage a ela e age de forma volitiva. (DILTHEY, 2010, p. 277)

descrição, na análise e estabelecimento de regra, ela pode alcançar o caráter de segurança rigorosa. O que é aqui mostrado a respeito da pedagogia vale, do mesmo modo, para as outras “ciências do espírito” que devem conduzir a vida. Assim solucionamos a tarefa a que nos propusemos e encontramos naquilo que é uma razão para o que deve ser, na realidade uma base para a regra. (DILTHEY, 2010, p. 293)

Sobre os termos que aparecem na citação acima, logo serão explicados. O enfoque, por enquanto, é sobre a preocupação de Dilthey em estabelecer a pedagogia como uma ciência de rigor, porém, com peculiaridades e características bem definidas. Primeiramente, para se estabelecer a estrutura da pedagogia é importante considerar a ordem “ético-pedagógica”. A ética não tem autonomia para categorizar a pedagogia como fundamento universal. Esta afirmação se fundamenta pela história da moral que sempre está relacionada à interpretação dos indivíduos dentro de um período histórico. Ela não tem o caráter de universalidade, pois é sempre pautada pela história (AMARAL, 1987, p. 131). Mesmo que, para Dilthey, a estrutura pedagógica possa ser universal, essa ética está enquadrada dentro dessa estrutura. A ética em si não é, portanto, um fator universalmente válido.

O que temos do mundo são princípios da vida moral das emoções e impulsos vivos, como a simpatia, a aspiração à perfeição e à felicidade e o sentimento de dever que estão em relação recíproca (AMARAL, 1987, p. 131). Dilthey sustenta que não possuímos um princípio metafísico explicador de validade indiscutível. Outro fator de extrema importância é que a apreensão conceitual desses impulsos depende sempre da interpretação do indivíduo e essa interpretação está condicionada historicamente (AMARAL, 1987, p. 132). O ser humano encontra-se em uma posição específica no mundo e reage diferentemente de outros seres humanos, pois sua construção é totalmente pautada pela história. Isso fez com que Dilthey fosse conhecido por dar grande valor a história.³ Dilthey diz:

Como nós não possuímos um princípio metafísico explicador do mundo de validade indiscutível, só podem assim ser extraídos princípios da vida moral das emoções e impulsos vivos tais como a simpatia, a aspiração à felicidade e o sentimento de dever que estão em relação recíproca. Mas, a apreensão conceitual desses impulsos e a relação das fórmulas assim nascidas como um todo constituem uma interpretação das mesmas, e uma interpretação está sempre condicionada ou limitada historicamente como um ideal ou sistema ético. (Apud. AMARAL, 1987, p. 132)

O filósofo das ciências do espírito parece até se colocar em um impasse, pois diz que não é possível uma validade universal de princípios éticos, porém, a filosofia, ao observar os conhecimentos teóricos, extrai princípios universalmente válidos. Isso demonstra seu cuidado ao delimitar o que é válido universalmente e o que não é (AMARAL, 1987, p. 132). Essa ética social é outro termo que Dilthey usará para designar

³ Ele foi descrito por muitos como um “historicista”, porém ele respondeu muito sobre essas argumentações em seus escritos, principalmente, no final de sua vida nas cartas que trocou com Edmund Husserl em 1911. (PERES, 2014, p. 15).

sobre o “conceber a vida” (AMARAL,1987, p. 133). Isso quer dizer que a ética está intimamente ligada ao conceito de vida que o autor tem.

A ética tem um papel primordial dentro da pedagogia, pois do mesmo modo que ela faz parte do seu conceito do fim de vida é também o fim da educação. Amaral diz que a ética acaba se tornando serva da pedagogia (1987, p.133). Todo o conceito de vida do autor tem em sua finalidade a pedagogia. Portanto, fica claro que, o que sustenta a pedagogia de Dilthey, é o seu conceito de vida. Dentro de sua definição sobre vida, ele se apoia na psicologia para descrever a vida. Amaral diz:

“(...) não podemos esquecer que Dilthey, em sua caminhada de descrição da vida, busca o apoio da psicologia e usufrui desse estudo para estabelecer meios com que a pedagogia deverá alcançar o fim para a atividade educacional” (1987, p.133).

Todo esse arcabouço de ideias sobre ética social que o autor propõe está subordinado ao “nexo estrutural iminentemente teleológico da vida” (Apud. AMARAL,1987, p. 133). Esse nexo estrutural compõe o que ele chama de “unidade da vida”, que Dilthey denomina a célula original da vida interior (*Leben und Erkennen*) (Apud. AMARAL,1987, p. 134). Todos esses termos são utilizados para a explicação de uma singularidade que a vida tem. O viver e as especificidades da vida são muito importantes, pois é nesta vida que ele vai encontrar as explicações para o desenvolvimento pedagógico do ser humano.

Quanto ao nexo, Dilthey primeiro estabelece um método próprio para o descrever, ele se preocupa em diferenciar as ciências da natureza e as ciências do espírito. Para isso, a psicologia⁴ apresentará o modelo de método pelo qual ele analisará e descreverá o homem. Em suas palavras:

é necessário e possível uma psicologia, que coloque à base de seu curso o método descritivo e analítico [...] Ela tornar-se-á à base das ciências humanas, assim como a matemática é a base das ciências naturais. [...] Por meio de uma determinação conceitual e de uma designação firmes, ela produzirá paulatinamente uma terminologia comum às ciências humanas. (DILTHEY, 2011, p. 95-96)

Ele reconhece que as ciências da natureza têm um caráter de explicação, mas para as ciências do espírito é preciso que se estabeleça outro método. Então, ele desenvolve a psicologia descritiva em 1880. Essa conclusão que ele chega ajuda a construir a base necessária para todo o resto de sua pesquisa (DILTHEY, 2010, p. 44).

Por meio da descrição do homem ele chega a algumas conclusões sobre o nexo estrutural. O nexo da vida, na qual tanto Dilthey fala, é o lugar onde se concentra as

⁴ A psicologia de Dilthey não é o que conhecemos como psicologia atualmente, mas ele a usou para descrever o pensamento do homem. A psicologia descritiva é usada como um modelo metódico de observação típica das ciências humanas. Da mesma maneira que as ciências naturais usam a física e a matemática como método, as ciências do espírito usam, a psicologia descritiva como método. (DILTHEY, 2010, p. 366)

características da unidade da vida, que por sua vez centraliza toda a interação entre o meio que o ser vivo se encontra e a resposta que ele tem deste meio. Essa característica é totalmente particular, pois cada ser humano responde de maneiras diferentes. O homem, por meio do que Dilthey chama de “feixe de impulsos”, em conexão com os sentimentos, pode produzir uma característica única. O homem pode se desenvolver e crescer nas condições mais simples e primordiais até as mais complexas, como a ética (AMARAL,1987, p. 134).

O nexa então é a ligação entre a vida e a parte, a vida e o todo. Isso quer dizer que esse ser interage com o mundo em seu transcurso histórico, fazendo parte desse todo. Assim, a vida encontra sua finalidade. Em uma das introduções de textos selecionados e traduzidos de Dilthey, Amaral diz o seguinte:

Se o “sentimento da vida” é capaz de atuar teleologicamente, isto não quer dizer que ele esteja a serviço de um fim objetivo e exterior ao próprio desenvolvimento da vida. Como vimos tratar-se de uma teleologia subjetiva e imanente à própria vida em seu evoluir. (DILTHEY, 2010, p. 279)

Toda essa estrutura da edificação e desenvolvimento do homem acaba por cair em uma ética formativa. Essa visão da ética, tem como seu princípio fundamental, a formação intencional que se utiliza de toda essa estrutura como meio de se desenvolver. O homem é o único ser que tem consciência do nexa, como dito anteriormente, da sua unidade. Essa consciência, Dilthey dá o nome de “autorreflexão”, que se caracteriza como vital para a ética formativa (AMARAL,1987, p. 136). A experiência concreta da vida é a base para a ética formativa. É no viver prático e desenvolvimento histórico que os padrões morais são construídos (Apud. AMARAL,1987, p. 136). É por esse motivo que conceitos universalmente válidos para a tarefa humana moral não são justos. Pois a ética formativa só se consolida dentro de um desenvolvimento histórico.

A filosofia da vida é parte fundamental de sua construção teórica. A partir da noção de viver é que Dilthey desenvolve todos os seus pensamentos referentes às ciências do espírito. Por conseguinte, a aplicação de toda a sua ideia acaba por ser transposta à pedagogia que é parte tão importante para o processo de formação da humanidade. Mas o que significa “viver”?

Viver significa: deixar agir sobre si todas as forças do universo, tanto na intuição quanto na atividade, desenvolver todas as tendências do próprio ser para alcançar um todo harmonioso. Assim nasce a obra de arte de nossa existência. [...] Tudo é em si mesmo singular; sentindo a própria alegria e a própria dor, compreendo o mundo à sua própria maneira, tendo em si mesmo uma fonte de alegria e dores sem fim, de formação e atividade infinitas. Tudo depende exclusivamente de compreender-se a si mesmo, de querer-se a si próprio, inclusive com aquela imagem ideal que se confunde com nosso lugar dentro da ordem do universo. (Apud. AMARAL,1987, p. 142)

Observe-se o que Dilthey entende por educação, em linhas gerais: “por educação nós entendemos a atividade planejada por meio da qual o adulto procura formar a vida psíquica do ser em crescimento” (Apud. AMARAL,1987, p. 143). Amaral, discorrendo sobre a ligação de tudo que foi tratado até o momento, conclui que:

O sucesso de tal atividade encontra-se fundamentalmente garantido pela própria estrutura constitucional da vida psíquica. Ao afirmar que o nexos psíquico é imanentemente teleológico, Dilthey já está assegurando não só a possibilidade de desenvolvimento do ser humano como também a necessidade da educação e conseqüentemente o direito natural a ela, contudo, possibilidade, necessidade, direito são expressões ainda muito fracas e pobres para apreender o significado essencial que a educação tem para a vida enquanto aquela estrutura imanentemente teleológica. (AMARAL,1987, p. 143)

Todo modelo de educação que se tem hoje é parte de uma construção histórica que está apoiada em uma filosofia e, conseqüentemente, em uma estrutura que, segundo Dilthey, tem um caráter científico universal específico. Que deve ser levado a sério, pois se trata das vivências particulares de cada ser, ao passo que estão inseridas na história, carregando um trajeto complexo mas cheio de contribuições de outros seres particulares que juntos compõem o todo da vida.

2.2. RELAÇÃO ENTRE A COSMOVISÃO E EDUCAÇÃO

Dilthey sempre foi um pensador pouco reconhecido academicamente, sobretudo, dentro do campo da educação, não porque seu domínio sobre o assunto seja raso, mas por ser pouco divulgado e contemplado na comunidade acadêmica, salvo pouquíssimas exceções. Amaral descreve, de forma breve, sua jornada dentro do campo pedagógico, dedicando-se a construir uma base sólida (AMARAL,1987, p. 128). Ela o faz ao descrever as contribuições que ele deu em suas publicações acadêmicas, seu tempo de experiência com a docência dentro das universidades e as relações de conflito quando escreve suas teorias e outros filósofos apoiando ou divergindo dele.

Por esse motivo, a ideia de uma relação harmoniosa do pensamento do autor sobre a história e filosofia para com o campo da pedagogia é positiva e muito proveitosa para as práticas educacionais hoje. Porém, como já vimos, a bagagem pedagógica que ele desenvolve é muito extensa e totalmente complexa, dando a ele uma credibilidade para falar sobre o assunto.

Como, então, harmonizar dois conceitos que já foram tratados nesse artigo? Primeiramente, é imprescindível pensar em uma possível problemática que surge aqui. De uma lado existe a concepção de cosmovisão ou mundividência, que nos ajuda a perceber que cada indivíduo está se relacionando sempre de um ponto de vista específico do mundo, dando a ele uma cosmovisão específica. Por outro lado, está a pedagogia com seu caráter

de validade universal. Parece existir uma base para relativizar a educação e uma aparente contradição de conceitos.

A esperança de que há uma solução para este problema surge sempre que lembramos de algumas questões já abordadas, em parte, nesse artigo. Uma delas é o fator de consciência histórica, na qual a importante reflexão, segundo Dilthey, resolve o aparente relativismo dentro da cosmovisão e teoria de validade universal encontrada na filosofia. A partir desta posição, Dilthey propõe:

[...] no relativo o universal, no passado em futuro sólido, a elevação do sujeito à consciência histórica, o reconhecimento do real como critério para associar o nosso progresso no futuro com claros objetivos para o futuro, sim, justamente na consciência histórica que regras e força precisam estar contidas para perante todo o passado proporcionar-nos livre e soberanamente um objetivo comum da cultura humana. O nexos do gênero humano em pensamento universal e apoiado claramente sobre esse objetivo, a circunstância comum da tarefa, a medida saudável para o alcançável, o ideal aprofundado da vida: tudo isso obtém fundamento na consciência histórica que não é mais abstrata, não mais meramente conceitual e por isso não mais se extingue em idealidade ilimitada. A generalização que a filosofia presentemente tem a executar está com isso determinada, ela seria a expressão da aliança da nossa cultura universal para alcançar um grau mais alto do que todas até agora (Apud. AMARAL,1990, p. 165-166)

Então, o aparente conflito, na visão do autor, pode ser resolvido levando em consideração um equilíbrio entre as duas partes. O nexos, que reúne essas partes, é o ponto central em que é possível encontrar uma estrutura sólida e com o devido rigor. Esse equilíbrio já foi tratado aqui anteriormente, porém, aplicado às questões pedagógicas.

Ao discorrer sobre essa problemática, Amaral mostra que, com o decorrer da história, as pessoas vão construindo seus ideais, que estão colocados em um ponto de vista específico do mundo. Por esse motivo, é impossível ter conhecimento universal da verdade, devido a multiplicidade de experiências vividas. A partir disso, é possível chegar à conclusão que:

basta persistir no exercício de religar cada concepção do mundo à fonte de energia vital que, em vez de detectarmos oposições, contradições e divergências, captamos apenas diferenças, variedade ou multiplicidade de formas de manifestação daquela energia vital original. (AMARAL,1987, p.140)

Essa energia vital citada por Amaral é um termo usado por Dilthey para mostrar que a vida, em seu decorrer histórico, produz uma energia que sustenta todo viver humano. A relação entre o todo e o particular mostra uma construção de pensamentos e ações práticas que não são simplesmente individualizados, mas ligados por um percurso histórico (AMARAL,1987, p.141).

Em seguida, o que se percebe da relação de cosmovisão com educação é uma conclusão deste primeiro ponto. Toda filosofia da educação parte de um ponto específico de como os filósofos enxergam o mundo. Sendo assim, cada filósofo tem sua contribuição para o desenvolvimento histórico. Os princípios norteadores de cada pensamento não são inventados partindo do nada, mas sempre da relação do indivíduo com o todo.

Existe uma profunda importância no processo de estudo histórico e percurso do pensamento filosófico de cada teoria educacional. É preciso conhecer a fundo o caminho histórico que as filosofias percorreram para compreender o porquê das práticas pedagógicas. Como já exposto aqui, o filósofo está debaixo das circunstâncias que estão ao seu redor e o que compõe essas circunstâncias são construções históricas. Portanto, compreender que cosmovisão e educação estão totalmente relacionadas, ajuda a perceber que o autor caminha na direção de responder questões em sua época, como o positivismo. Mostrando que é possível ter várias correntes filosóficas que têm uma sólida edificação no decorrer da história e que é prejudicial absolutizar uma única filosofia, gerando somente uma prática pedagógica universalmente eficaz.

A pedagogia é basicamente fruto da teoria da filosofia. Percebe-se que a teoria de cosmovisão pensada por Dilthey dá o suporte para uma teoria do pensamento filosófico que se aplica na atividade pedagógica. Pensar a filosofia da vida é entender como o homem é formado e desenvolvido partindo de uma percepção de mundo específica. Assim, chegamos à questão da aparente neutralidade científica no campo da filosofia da educação. Pensamento esse que tem sua base no positivismo e que acaba por ignorar tudo o que a humanidade já construiu em termos de conhecimento.

2.2.1. MITO DA NEUTRALIDADE CIENTÍFICA A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Atualmente o conceito de neutralidade científica tem uma influência muito grande do movimento positivista (DILTHEY, 2010, p. 41; LAGE, 2003, p. 40). Movimento que influencia, ainda hoje, pensamentos que não corroboram para o desenvolvimento intelectual, especialmente, no campo das chamadas “ciências do espírito”. Dilthey argumenta que Kant tentou reduzir o conhecimento à validade universal, acabando assim por não considerar o todo da vida, que gera uma multiplicidade de cosmovisões (DILTHEY, 2010, p. 45-46). Em sua época, Dilthey combateu a ideia por traz deste movimento, justamente por não dar o devido valor e relevância que as ciências do espírito realmente têm. Em suas palavras:

As respostas que Comte e os positivistas, Stuart Mill e os empiristas deram a essas perguntas pareceram, a meu ver, mutilar a realidade histórica, a fim de adequá-la aos conceitos e métodos das ciências da natureza. (DILTHEY, 2010, p. 35)

Posteriormente, em suas reflexões sobre os conceitos de cosmovisão e aplicação à filosofia da educação, Dilthey deixa claro um ponto que ainda hoje parece ser um problema espinhoso: é preciso recuperar a reputação das ciências do espírito e resgatá-las novamente das garras do cientificismo positivista, atualmente, vestido sob a roupagem do princípio de neutralidade. Neutralidade aqui tem o sentido de afastamento, imparcialidade e isenção do cientista para com o objeto de ciência em questão. Um exemplo dessa pretensa neutralidade científica dentro da filosofia da educação é a crença de que o método das ciências naturais são aplicáveis à pedagogia. É esperar que o pedagogo aplique um método educacional em qualquer lugar do planeta em qualquer época, na expectativa que seja efetiva e que o objetivo de um desenvolvimento humano seja alcançado, tal como acontece com a física ao analisar os fenômenos físicos. Por não crer nesse pensamento, vigente em sua época, Dilthey critica fortemente correntes de pensamento que incentivam a neutralidade científica dentro das ciências humanas, como o empirismo e o kantismo (DILTHEY, 2010, p. 17). Ele ainda argumenta a favor dos diferentes pontos de vistas dentro das ciências do espírito, acreditando que a filosofia em si é a ciência do real e lida com um objeto diferente. Dilthey diz:

Assim entendida, a filosofia é a ciência do real. Toda ciência particular positiva lida com um conteúdo parcial dessa realidade. O objeto da jurisprudência, da ética, da economia não é o próprio agir humano de pontos de vista diferentes? Cada uma dessas teorias está trabalhando com uma parte. Com determinado aspecto, relação do agir do homem e da sociedade. (DILTHEY, 2010, p. 46).

Os pressupostos filosóficos que guiam as práticas pedagógicas quando vistos como neutras e totalmente absolutas, geram, segundo Dilthey, um efeito negativo descaracterizando a essência das ciências do espírito (DILTHEY, 2010, p. 293). A própria natureza da filosofia é incompatível com um modelo cientificista que pode ser encontrado nas ciências da natureza. Como muito já foi explorado, Dilthey se preocupava bastante com as ciências do espírito e quando ele as fundamenta é justamente para mostrar o ponto central de que tratar as ciências do espírito dentro do mesmo padrão das ciências da natureza empobrece e torna a filosofia uma ciência absolutista (DILTHEY, 2010, p. 40).

Entender o conceito de neutralidade como uma imparcialidade no processo de fazer filosofia expressa uma ideia contrária a tudo que o autor contribuiu e fundamentou para as ciências do espírito. Essa mesma ideia parte do movimento filosófico positivista que Dilthey criticou. Seria incoerente considerar a filosofia da educação como neutra e imparcial, pois sempre partirá de um ponto de vista específico do mundo, ou seja, uma cosmovisão.

Observando a realidade e a multiplicidade de pensamentos existentes dentro da pedagogia é possível perceber que, historicamente, nunca houve uma hegemonia sobre o estatuto de cientificidade da pedagogia ou mesmo da filosofia. Ao notar essa realidade,

Dilthey edifica sua teoria justamente para trazer novo ânimo para as ciências do espírito, dando a elas a possibilidade de uma reflexão de sua teoria e uma maior fundamentação.

A primeira crítica, então, que Dilthey faz do princípio de neutralidade científica dentro das ciências do espírito decorre do fato de que o ser humano não pode se distanciar do seu meio como fruto de uma construção histórica. A ideia de uma observação distanciada vai contra sua filosofia da vida. Acreditar que exista uma metodologia pedagógica absoluta e cientificamente neutra que é capaz de abarcar todas as questões da construção do pensamento e desenvolvimento intelectual, moral, motor, é reduzir a vida humana a somente uma parte do seu todo. Essa ideia ignora fatores do contexto em que cada ser humano está inserido, e como já foi tratado neste artigo, aspecto tão importante para Dilthey (DILTHEY, 2010, p. 29).

A filosofia da educação é parte do que Dilthey chama de ciências do espírito, sendo caracterizada como uma ciência e estudo de rigor. Por exemplo, a crença de que uma teoria “x” da educação seria a única teoria adequada para educação no Brasil é historicamente impossível. Quando voltamos ao ponto de que toda educação parte de uma construção condicionada historicamente, essa posição nos ajuda a perceber o quanto os teóricos de cada cosmovisão terão que se esforçar para compreender a sua tradição filosófica e como atualmente ela pode ser contextualizada (DILTHEY, 2010, p. 465). Os próprios filósofos da educação têm o trabalho de contextualizar, sabendo que sua cosmovisão é parte de um todo, e para isso, sua colaboração na construção é sempre um ponto a se desenvolver (DILTHEY, 2010, p. 469). Ao caracterizar a filosofia da educação como uma ciência ela se encaixa em todos os requisitos que Dilthey aponta.

Conceber a filosofia da educação como ciência do espírito é perceber o quanto a teoria de Dilthey pode auxiliar no processo de resgate de uma educação responsável e comprometida com as contribuições de grandes pensadores do passado. Para entender o mundo que vivemos, é preciso conhecer o passado, ou seja, o percurso histórico que a humanidade trilhou até hoje. Cada cosmovisão é comprometida com sua história e com o trabalho que deve ser feito hoje (DILTHEY, 2010, p. 285).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar a filosofia da educação, campo de uma ampla discussão que até hoje causa impactos relevantes, é possível notar sua importância para a temática sobre a cosmovisão. Dilthey, como o arauto das ciências do espírito, contribuiu grandemente para o problema da neutralidade científica dentro da filosofia da educação. A sua teoria da cosmovisão ajuda em muito na compreensão dos processos de interação e consolidação das diversas teorias da educação. Ao levantar a problemática de sua época e propor uma

possível solução sobre as questões como o positivismo e determinismo científico, Dilthey mostrou como é importante, ainda hoje, desenvolver esse tipo de teoria para que não se repita o erros cometidos no passado.

A filosofia de Dilthey levou a discussão sobre o estatuto de cientificidade das ciências do espírito para outro patamar, pois, ao estabelecer um objeto e método específico para as ciências humanas, ele reordenou as relações entre ciências do espírito e ciências da natureza. Graças a Dilthey, as ciências do espírito não são mais consideradas como ciências de segunda classe e que deveriam estar subordinadas as ciências da natureza. É notável essa preocupação, tendo em vista todas as suas obras, inclusive, a que ficou mais conhecida, a saber, sua *Introdução as ciências do espírito*. Ao desenvolver a tese do mundo como um fato construído à luz do enigma da vida e das relações entre os seres humanos, Dilthey mostrou a importância das ciências do espírito para a vida como um todo.

A pedagogia, enquadrada dentro do campo das ciências do espírito, tem sua estrutura e características próprias, sendo caracterizada como ciência. Assim, temos um nexos em que todas as teorias filosóficas estão apoiadas. Mesmo que existam linhas históricas cheias de complexidades e diferentes conclusões filosóficas, ainda sim, estão encaixadas dentro do campo filosófico, pois o método das ciências do espírito é específico e próprio dessa ciência. Então, ele separa as ciências do espírito das ciências naturais e estabelece como método de análise a psicologia descritiva. Além disso, observa dentro dessa estrutura um fator comum, que é a cosmovisão, termo importante e fundamental para a argumentação do presente trabalho. Esse termo indica um elemento constitucional da vida do homem. A partir dele é que se observa as interações do ser com o mundo ao seu redor. Seu relacionamento e sua visão do mundo estarão sujeitos a tudo que é apresentado a ele. Esse processo de formação mostra que estas disposições mentais nunca serão determinadas, como acontece nas ciências da natureza. A vida é cheia de nuances que nunca poderão ser reduzidos a visões de mundo absolutistas. Cada ser humano será determinado por uma cosmovisão que contribui para o desenvolvimento histórico da humanidade.

A teoria da cosmovisão de Dilthey é uma teoria que pode servir para uma compreensão mais abrangente e eficiente da filosofia da educação. A existência de práticas pedagógicas distintas acaba por demonstrar um caráter não uniforme e absoluto da educação. Existem diferenças nos processos educacionais, que como já foi explanado, têm forte relação com os pressupostos da cosmovisão que cada filosofia adota. A importância, então, de se estudar o trajeto histórico que cada teoria da educação percorre ajuda na compreensão das práticas aplicadas em cada realidade escolar. Não se trata simplesmente

de um pragmatismo educacional, mas sim, de uma corrente filosófica que foi desenvolvida durante muitos anos e ainda é desenvolvida até hoje.

Por fim, a pedagogia é parte de um processo filosófico, que está estreitamente ligado à cosmovisão e, portanto, dependente da dimensão histórica. A cosmovisão de cada teoria pedagógica e filosófica deve desenvolver suas perspectivas e ideias, levando em consideração tudo o que já foi construído dentro da história. O processo histórico é fundamentalmente relevante para Dilthey. Esse processo torna cada ser humano um participante ativo no desenvolvimento de cada teoria pedagógica. É por meio de diálogos do passado com o contexto atual que se tem o desenvolvimento coerente de cada linha teórica pedagógica.

4. REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria N. C. P. **Dilthey e o problema do relativismo histórico**. In: Revista Discurso. São Paulo: Departamento de Filosofia da USP, 1990.

_____. **Dilthey: um conceito de vida e uma pedagogia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

DILTHEY, Wilhelm. **A essência da filosofia**. Editora Vozes: Petrópolis, 2014.

_____. **Filosofia e educação textos selecionados**. Organização de Maria Nazaré de Camargo Pacheco Amaral. São Paulo: EDUSP, 2010.

_____. **Teoria das concepções de mundo**. Lisboa: LusoSofia Press, 1992.

NAUGLE, David K. **Cosmovisão, A história de um conceito**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2017.

PERES, S. P. **Husserl e o projeto de psicologia descritiva e analítica em Dilthey**. In: Revista Memorandum, ISSN 1676-1669, Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, n. 27, pp. 12-28, out/2014. Disponível em <www.fafich.ufmg.br/memorandum/a27/peres01>; Acesso 22 Mai. 2020

SIRE, James W. **Dando nome ao elefante**. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2012.

Contatos: jonataspereira@hotmail.com e jonas.madureira@mackenzie.br